CORPO, MENTE E INTUIÇÃO NOS ESTUDOS SOBRE INOVAÇÃO. LIMITES ANALÍTICOS DA SEPARAÇÃO ENTRE PERCEPÇÃO, CONHECIMENTO E AÇÃO

BODY, MIND, AND INTUITION IN INNOVATION STUDIES. THE ANALYTICAL LIMITS OF SEPARATING PERCEPTION, KNOWLEDGE, AND ACTION

JONATHAN FÉLIX SOUZA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

ÂNGELA FRANÇA VERSIANI
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

Comunicação:
O XIV SINGEP foi realizado em conjunto com a 14th Conferência Internacional do CIK (CYRUS Institute of Knowledge) e com a SPARK (Society for Promoting Academic Research and Knowledge), em formato híbrido, com sede presencial na UNINOVE - Universidade Nove de Julho, no Brasil.

Agradecimento à orgão de fomento:
À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), pela concessão da bolsa de estudos que contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa.

CORPO, MENTE E INTUIÇÃO NOS ESTUDOS SOBRE INOVAÇÃO. LIMITES ANALÍTICOS DA SEPARAÇÃO ENTRE PERCEPÇÃO, CONHECIMENTO E AÇÃO

Objetivo do estudo
Examinar os limites que a separação entre corpo e mente impõe à compreensão da intuição nos processos de inovação e propor uma perspectiva corporificada que articule percepção, conhecimento e ação como dimensões interdependentes na formação e elaboração dos julgamentos intuitivos.

Relevância/originalidade
O ensaio distingue o corpo como lugar de manifestação, fonte de sinais e participante da formação do conhecimento, reorganizando a análise da intuição e da inovação ao integrar experiência corporal, percepção, ação, interação social e condições materiais.

Metodologia/abordagem
O estudo adota a forma de ensaio teórico e articula, de modo não exaustivo, pesquisas organizacionais, experimentos sobre criatividade, estudos de práticas profissionais e formulações da fenomenologia e da cognição corporificada, selecionados segundo sua pertinência ao problema investigado.

Principais resultados
Identificam-se três posições do corpo nas explicações da intuição, lugar de manifestação, fonte de sinais e participante da formação do conhecimento. A leitura corporificada mostra que a intuição se desenvolve durante a ação, na relação entre experiência, percepção, interação e materialidade.

Contribuições teóricas/metodológicas
A contribuição diferencia a presença de sensações da participação constitutiva do corpo na formação da intuição. Essa distinção permite identificar quando e como o conhecimento intuitivo emerge durante a ação, oferecendo categorias e mecanismos verificáveis para pesquisas empíricas sobre inovação.

Contribuições sociais/para a gestão
A contribuição para a gestão reside no rompimento com uma perspectiva dualista que fragmenta corpo, percepção, conhecimento e ação. Essa abordagem favorece práticas integradas de cuidado, análise e decisão, reconhecendo sujeitos corporalmente situados e as condições sociais e materiais de sua atuação.

Palavras-chave: Intuição, Cognição corporificada, Inovação, Dualismo mente-corpo, Conhecimento pré-reflexiv

BODY, MIND, AND INTUITION IN INNOVATION STUDIES. THE ANALYTICAL LIMITS OF SEPARATING PERCEPTION, KNOWLEDGE, AND ACTION

Study purpose
To examine the limits that mind-body separation imposes on understanding intuition in innovation processes and propose an embodied perspective that connects perception, knowledge, and action as interdependent dimensions in the formation and development of intuitive judgments.

Relevance / originality
The essay distinguishes the body as a site of manifestation, a source of signals, and a participant in knowledge formation, reframing the analysis of intuition and innovation by integrating embodied experience, perception, action, social interaction, and material conditions.

Methodology / approach
The study takes the form of a theoretical essay and non-exhaustively integrates organizational research, experiments on creativity, studies of professional practices, and perspectives from phenomenology and embodied cognition, selected for their relevance to the problem under investigation.

Main results
The analysis identifies three bodily roles in accounts of intuition, as a site of manifestation, a source of signals, and a participant in knowledge formation. An embodied perspective shows intuition developing during action, in the interplay of experience, perception, interaction, and materiality.

Theoretical / methodological contributions
The study distinguishes the presence of bodily sensations from the body's constitutive role in forming intuition. This distinction helps identify when and how intuitive knowledge emerges during action, providing empirically testable categories and mechanisms for research on innovation.

Social / management contributions
The study contributes to management by moving beyond a dualistic perspective that fragments body, perception, knowledge, and action. This approach supports integrated practices of care, analysis, and decision-making by recognizing embodied actors and the social and material conditions that shape their actions.

Keywords: intuition, Embodied cognition, Innovation, Mind-body dualism, Pre-reflective knowledge

CORPO, MENTE E INTUIÇÃO NOS ESTUDOS SOBRE INOVAÇÃO. LIMITES ANALÍTICOS DA SEPARAÇÃO ENTRE PERCEPÇÃO, CONHECIMENTO E AÇÃO

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre inovação utilizam diferentes recortes para explicar como ideias são produzidas, avaliadas e incorporadas à ação organizacional. Yakhlef e Rietveld (2020) observam que parte dessa literatura separa a geração de ideias, tratada como processo cognitivo individual, da implementação, compreendida como atividade posterior desenvolvida no ambiente social e material. Essa organização analítica oferece uma forma de decompor o processo, embora possa conservar uma sequência na qual a mente concebe e o corpo executa aquilo que já teria sido formulado.

A mesma orientação aparece em campos próximos à inovação, ainda que assuma configurações próprias em cada um deles. Leschziner e Brett (2019) identificam, na sociologia e na psicologia social, explicações que representam a criatividade como atividade imaginativa e deliberada, separando-a do corpo, dos sentidos e das formas não analíticas de cognição. No empreendedorismo, Chiles et al. (2021) argumentam que parte expressiva da pesquisa privilegia processos mentais conscientes e ações desencarnadas, o que reduz a atenção dedicada às bases corporais e sensoriais da imaginação empreendedora. Esses estudos não permitem caracterizar todo o campo da inovação como dualista, embora revelem pressupostos que localizam a criação na mente e atribuem ao corpo uma função posterior ou auxiliar.

Sob essa lógica, o ambiente fornece estímulos e recursos, o corpo recebe informações ou executa respostas e a mente permanece como o lugar em que o conhecimento seria organizado. Yakhlef e Rietveld (2020) mostram que o contexto material pode ser tratado como recipiente passivo ou como fator que modifica uma ação concebida anteriormente, ao passo que o agente permanece analiticamente separado das condições com as quais interage. O problema reside menos na ausência absoluta do corpo do que na posição explicativa que lhe é atribuída, pois sensações, movimentos, gestos e relações com objetos podem ser reconhecidos sem que participem da constituição do conhecimento.

A intuição torna essa separação especialmente visível. Sinclair e Ashkanasy (2005) a definem como processamento não sequencial que reúne componentes cognitivos e afetivos, enquanto Dane e Pratt (2007) a compreendem como julgamento afetivamente carregado, formado por associações rápidas e não conscientes. Lidas a partir do problema deste ensaio, essas formulações explicam a intuição por meio de processos associativos e estruturas de conhecimento, sem examinarem diretamente a separação entre corpo e mente. Nos estudos sobre inovação, Sukhov et al. (2021) analisam sua participação na avaliação de ideias, Akgün e Keskin (2021) investigam diferentes aspectos da intuição das equipes e sua relação com a criatividade, enquanto Calabretta et al. (2017) examinam práticas que combinam intuição e racionalidade em decisões estratégicas. Embora tratem de objetos distintos, nenhum desses trabalhos toma a participação constitutiva do corpo como questão principal.

Meziani e Cabantous (2020) enfrentam diretamente esse problema ao situarem a intuição no nexo entre mente e corpo. A observação de equipes de filmagem mostrou que expressar sentimentos, trabalhar manualmente e falar de forma assertiva participavam da elaboração de uma percepção inicialmente tácita, conferindo-lhe propriedades que permitiam sua comunicação e seu exame coletivo. As autoras também alertam que deslocar o conhecimento da mente para um corpo definido somente por sentimentos pode conservar a divisão que se pretende superar, porque a explicação passaria a opor uma mente sem corpo a um corpo desprovido de cognição, linguagem e memória.

A separação entre corpo e mente também foi examinada como tendência presente no julgamento cotidiano. Em oito estudos, Forstmann e Burgmer (2015) verificaram que os participantes atribuíram a uma réplica corporal maior preservação de propriedades físicas do que de propriedades mentais, enquanto a sobrecarga cognitiva e a ativação de um estilo intuitivo de pensamento aumentaram a manifestação de crenças dualistas. Berent (2023), ao investigar a relação entre dualismo e teoria da mente, observou que participantes do sexo masculino representaram a psique como mais corporificada e menos capaz de persistir sem o corpo do que as participantes do sexo feminino. Como as amostras de Berent eram ocidentais e nenhum dos estudos examinou organizações, esses resultados permitem apenas reconhecer o dualismo como uma tendência nas condições investigadas, sem estabelecer sua universalidade ou sua relação direta com a intuição organizacional.

Em campos relacionados, os experimentos de Leung et al. (2012) e os estudos reunidos por Frith et al. (2020) indicam que determinados movimentos e arranjos corporais podem modificar o desempenho em tarefas criativas. Leschziner e Brett (2019) mostram, em uma prática profissional, como conhecimento sensorial, simulações corporificadas e reflexão participam da criação de pratos, enquanto Yakhlef e Rietveld (2020) concebem a ação inovadora como resposta habilidosa às possibilidades oferecidas pelo ambiente. Esses trabalhos oferecem bases distintas para reconsiderar a posição do corpo, mas seus resultados permanecem vinculados aos desenhos de pesquisa e às atividades examinadas.

A fenomenologia de Merleau-Ponty (1945/2018) e a teoria da cognição corporificada oferecem bases teóricas para compreender percepção, pensamento e movimento sem distribuí-los entre instâncias independentes. Como a cognição corporificada reúne posições diferentes quanto à participação causal ou constitutiva do corpo, sua aproximação com a intuição exige a identificação das capacidades mobilizadas e das condições em que operam (Shapiro & Spaulding, 2024). A crítica de Goldinger et al. (2016) reforça essa exigência ao mostrar que a referência ao corpo não substitui uma explicação dos mecanismos envolvidos.

As contribuições examinadas distribuem-se entre pesquisas sobre criatividade, ação inovadora, empreendedorismo, intuição e produção de sentido, de modo que a lacuna não corresponde à ausência do corpo na literatura. Yakhlef e Rietveld (2020), Chiles et al. (2021), Leschziner e Brett (2019) e Meziani e Cabantous (2020) questionam diretamente explicações cognitivistas ou desencarnadas, embora partam de fenômenos diferentes. Sinclair e Ashkanasy (2005) e Dane e Pratt (2007), por sua vez, delimitam a intuição dentro de uma abordagem de processamento sem investigarem a separação entre corpo e mente. O problema identificado pelo ensaio reside na articulação ainda limitada dessas contribuições para examinar como essa separação interfere na compreensão da intuição nos processos de inovação.

Por se tratar de um ensaio teórico, o corpus reúne estudos selecionados pela pertinência ao problema da separação entre corpo e mente nas explicações sobre intuição, criatividade e ação inovadora. A seleção articula pesquisas organizacionais, experimentos sobre criatividade, estudos de práticas profissionais e formulações da fenomenologia e da cognição corporificada, sem pretender representar de maneira exaustiva esses campos. As conclusões apresentadas possuem, portanto, alcance analítico e não permitem estimar a frequência dessas posições na literatura.

A questão que orienta este ensaio é a seguinte. Quais limites a separação entre corpo e mente impõe à compreensão da intuição nos processos de inovação e como uma perspectiva corporificada pode reorganizar essa análise? O objetivo consiste em examinar como essa separação aparece nas explicações sobre criatividade, intuição e ação inovadora, identificar suas consequências analíticas e propor uma leitura na qual percepção, conhecimento e ação sejam compreendidos em sua interdependência.

O argumento desenvolvido sustenta que a separação entre corpo e mente restringe a compreensão da intuição quando localiza a produção do conhecimento em processos internos, ordena concepção e execução como etapas separadas e trata corpo, objetos e ambiente como fontes externas de estímulos ou meios de expressão. Uma leitura corporificada permite compreender a intuição como conhecimento pré-reflexivo formado na relação entre experiência, percepção e ação, sem substituir a mente pelo corpo ou atribuir validade automática às sensações. A contribuição do ensaio reside na identificação dessas operações analíticas e na proposição de bases para investigar como sujeitos corporalmente situados percebem diferenças, elaboram possibilidades e constroem respostas durante os processos de inovação.

2 FUNDAMENTAÇÃO

2.1 A intuição entre processamento mental e conhecimento corporificado

Nos trabalhos examinados, o corpo pode aparecer como lugar no qual a intuição se manifesta, como fonte de sinais que influenciam o julgamento ou como condição da própria formação do conhecimento. Essa distinção, elaborada neste ensaio a partir da literatura consultada, permite avaliar se uma explicação rompe a separação entre corpo e mente ou apenas acrescenta afetos e respostas fisiológicas a um processo cuja origem permanece localizada em estruturas cognitivas internas.

Sinclair e Ashkanasy (2005) definem a intuição como "um modo não sequencial de processamento de informações que compreende elementos cognitivos e afetivos e resulta em conhecimento direto sem qualquer uso do raciocínio consciente" (p. 357, tradução nossa). Dane e Pratt (2007), por sua vez, compreendem as intuições como "julgamentos carregados de afeto que surgem por meio de associações rápidas, não conscientes e holísticas" (p. 33, tradução nossa). As duas formulações afastam a intuição da adivinhação e reconhecem a participação dos afetos, embora não atribuam ao corpo, por si mesmas, uma função constitutiva na formação do julgamento.

A distinção entre processamento intuitivo e analítico também não pode ser convertida automaticamente em uma oposição entre corpo e mente. As teorias de processamento dual diferenciam modos de operação segundo rapidez, consciência, esforço e forma de associação, sem determinar que a intuição pertença ao corpo e a análise pertença à mente. Akinci e Sadler-Smith (2012) mostram que a relação entre afeto e intuição permanece discutida, pois o afeto pode ser considerado uma condição que participa do processamento ou uma manifestação percebida depois que o julgamento começou a se formar. Vincular cada modo de processamento a uma instância separada conservaria a divisão que este ensaio procura examinar.

A experiência em determinado domínio ocupa uma posição central nas explicações baseadas no reconhecimento de padrões. Dane e Pratt (2007) argumentam que estruturas de conhecimento formadas pela aprendizagem permitem relacionar os estímulos presentes a configurações encontradas anteriormente, enquanto Harteis e Billett (2013) compreendem a intuição especialista como resultado de um processo prolongado no qual conhecimentos tácitos e disposições afetivas passam a orientar a ação sem deliberação extensa. Embora essas formulações reconheçam aprendizagem, experiência e afeto, a explicação pode permanecer concentrada no acesso não consciente a conhecimentos armazenados, sem esclarecer como capacidades sensoriais e motoras participam do próprio reconhecimento.

Ao discutirem o papel do conhecimento tácito na inovação em grupos, Leonard e Sensiper (1998) situam esse conhecimento na mente e no corpo, porém distinguem as habilidades físicas, que residiriam nos músculos, nervos e reflexos, das habilidades cognitivas,

localizadas no inconsciente ou no semiconsciente. Essa formulação reconhece que a prática modifica capacidades corporais, mas, lida a partir do problema deste ensaio, ainda distribui o conhecimento entre lugares separados. A questão passa a ser como habilidades perceptivas, movimentos, memória, afetos e condições materiais operam conjuntamente durante a ação, em vez de identificar apenas o local no qual cada componente estaria armazenado.

Outra posição atribui ao corpo a produção de sinais que antecedem a consciência. Ao discutirem o experimento de Bechara et al. (1997, como citado em Meziani & Cabantous, 2020), no qual respostas de condutância da pele surgiram antes que os participantes compreendessem o risco da tarefa, Dane e Pratt (2007) consideram que "o corpo pode 'saber' e estar transmitindo informações fora da consciência" (p. 47, tradução nossa). Akinci e Sadler-Smith (2012) observam, contudo, que permanece em aberto se os marcadores somáticos constituem entradas do processamento intuitivo, manifestações do julgamento ou participantes de ambos. A metáfora da transmissão introduz o corpo na explicação, mas ainda pode pressupor uma instância corporal que produz o sinal e outra que o recebe e interpreta.

A distinção entre influência corporal e constituição corporificada permite esclarecer esse ponto. Uma resposta fisiológica pode influenciar causalmente uma escolha sem que o modelo abandone a concepção de uma mente que processa informações recebidas do corpo, ao passo que uma perspectiva constitutiva examina como o julgamento se forma enquanto o sujeito percebe, movimenta-se, encontra resistências materiais e responde às alterações da situação. A intuição deixa, nessa leitura, de corresponder a uma conclusão interna posteriormente acompanhada por sensações, pois começa a ser investigada como conhecimento produzido na relação entre experiência incorporada, ação e ambiente.

Meziani e Cabantous (2020) desenvolvem essa segunda possibilidade ao situarem a intuição no "nexo entre mente e corpo" (p. 4, tradução nossa), tomando-a como fenômeno capaz de questionar a escolha de um único lugar para a produção de sentido. As autoras também advertem que concentrar a explicação no corpo sensível pode excluir "um corpo que pensa, fala, age e lembra" (p. 4, tradução nossa), produzindo uma inversão na qual a mente desencarnada seria substituída por um corpo desprovido de cognição, linguagem e memória.

A observação de quatro equipes de filmagem permitiu a Meziani e Cabantous (2020) acompanhar como uma intuição inicialmente tácita adquiria propriedades durante a ação. A expressão de sentimentos tornava perceptível sua dimensão afetiva, o trabalho manual conferia solidez ao conhecimento associado à experiência e a fala assertiva comunicava confiança e compromisso com o julgamento. Essas ações não funcionavam somente como meios para exteriorizar um conteúdo previamente acabado, pois selecionavam aspectos da percepção inicial, submetiam-nos às respostas dos demais participantes e modificavam o sentido que circulava na equipe.

Em outro domínio, Weissenberger et al. (2018) realizaram entrevistas semiestruturadas com onze especialistas vinculados a dez tradições musicais. Os autores descrevem a intuição como mediadora entre conhecimento e corporificação e argumentam que a experiência acumulada refina os movimentos utilizados para produzir sons e a intuição relativa à tradição musical. Lidos a partir do problema deste ensaio, esses resultados indicam que o conhecimento musical se desenvolve durante a prática corporal, embora o estudo não investigue processos organizacionais de inovação nem permita transferir seus resultados diretamente para esse campo.

As posições examinadas produzem consequências distintas para a pesquisa. Quando o corpo é tratado como lugar de manifestação, a investigação tende a privilegiar relatos sobre sentimentos e sensações. Quando aparece como fonte de sinais, tornam-se pertinentes registros fisiológicos e medidas de percepção corporal. Quando integra a constituição do conhecimento, a unidade de análise passa a incluir o acontecimento no qual sujeito, objetos, movimentos,

sentidos e participantes se relacionam, pois a separação desses componentes retiraria do fenômeno parte do processo que se pretende explicar.

Nos processos de inovação, essa última posição permite investigar como uma diferença é percebida antes de adquirir formulação verbal, como o contato com materiais modifica uma possibilidade e como gestos, palavras e demonstrações participam da elaboração coletiva de um julgamento. Tal leitura não confere validade automática às sensações, uma vez que a precisão da intuição pode variar conforme a experiência, as regularidades da atividade e as condições nas quais o julgamento é examinado. Sua contribuição reside em substituir a pergunta sobre qual parte do sujeito produz a intuição pela análise de como o conhecimento se forma na relação entre corpo, experiência e situação.

2.2 O corpo inteiro nos processos de inovação

A compreensão constitutiva desenvolvida no tópico anterior requer uma leitura do corpo que considere a operação integrada dos sentidos, das sensações internas, da postura, do movimento, dos afetos e das habilidades adquiridas pela experiência. A expressão *corpo inteiro* designa essa unidade perceptiva e motora, dentro da qual cada atividade solicita capacidades corporais específicas e modifica aquilo que pode ser percebido como problema, possibilidade ou orientação para agir. Os sentidos deixam de ocupar a posição de canais que fornecem informações a uma mente separada, pois participam da relação pela qual o sujeito reconhece diferenças e responde às condições encontradas.

A noção de corpo próprio oferece uma base para essa leitura, pois Merleau-Ponty (1945/2018) recusa a compreensão do corpo como objeto exterior à consciência e o situa como condição pela qual o sujeito percebe e age no mundo. Sob essa perspectiva, percepção e movimento formam uma unidade prática na qual a situação adquire sentido antes de ser integralmente tematizada pela reflexão. A expressão corpo inteiro, utilizada neste ensaio, designa a articulação situada entre capacidades sensoriais e motoras, experiência e possibilidades de ação.

Pallasmaa (2017) oferece uma formulação conceitual dessa participação ao afirmar que “todos os nossos sistemas sensoriais ‘pensam’ no sentido de estruturarem nossas relações com o mundo” (p. 97, tradução nossa). Em sua análise da prática arquitetônica, a mão conhece materiais, o movimento incorpora relações espaciais e a percepção sensorial participa da elaboração de formas antes que o arquiteto consiga explicá-las conceitualmente. O argumento decorre da experiência do autor na arquitetura e no ensino, não constituindo uma demonstração aplicável a todas as atividades de inovação, embora permita compreender a produção de uma ideia como ocorrência corporalmente situada, na qual perceber, imaginar e fazer permanecem relacionados.

Os experimentos de Leung et al. (2012) oferecem indícios delimitados dessa relação ao examinarem se a realização corporal de metáforas associadas à criatividade modificava o desempenho em tarefas convergentes e divergentes. A troca das mãos durante a geração de respostas, a posição física fora de uma caixa e a caminhada livre estiveram associadas a diferenças em medidas de fluência, flexibilidade, originalidade ou resolução de problemas, conforme a condição examinada. Os resultados mostram que determinados movimentos e arranjos espaciais podem alterar o modo como participantes executam tarefas criativas, embora não estabeleçam que o movimento produz inovação fora das condições experimentais utilizadas.

A revisão de Frith et al. (2020) amplia essa base ao reunir vinte estudos experimentais sobre gestos, posturas, caminhadas, manipulação de objetos e outras atividades corporais. Dezoito estudos apresentaram algum resultado favorável à criatividade, enquanto nenhum identificou efeito prejudicial, embora as intervenções, as amostras e as medidas variassem

consideravelmente. Entre os experimentos que avaliaram originalidade no pensamento divergente, doze de quatorze encontraram relações favoráveis, ao passo que os estudos voltados ao pensamento convergente e à solução súbita de problemas apresentaram resultados positivos. A interpretação desse conjunto exige cautela, pois somente 30 por cento dos estudos utilizaram grupos de controle sem movimento considerados adequados pelos autores, e algumas condições produziram efeitos em determinadas medidas sem modificar outras.

Essas limitações impedem que a corporificação seja reduzida à afirmação de que qualquer movimento favorece a criatividade. Frith et al. (2020) observam que a modalidade corporal, a congruência entre movimento e tarefa, o tipo de criatividade avaliado e as condições de controle podem modificar os resultados. Malinin (2019) argumenta que os experimentos com metáforas corporificadas se aproximam de uma versão fraca da corporificação, compatível com modelos representacionais da cognição. Esses experimentos mostram que determinados movimentos podem alterar o desempenho, mas não demonstram que a criatividade seja constituída ou distribuída entre cérebro, corpo e ambiente.

A distinção entre influência e constituição torna-se mais clara quando a pesquisa acompanha práticas profissionais nas quais os sentidos e os materiais integram a própria atividade criativa. Leschziner e Brett (2019) realizaram entrevistas semiestruturadas com 44 chefs de restaurantes de Nova York e São Francisco e observaram o trabalho em suas cozinhas. Os dados foram complementados por conversas informais, reuniões, visitas a mercados e entrevistas com outros profissionais do setor. Os autores verificaram que visão, audição, tato, olfato e paladar participavam da seleção de ingredientes, da criação dos pratos e de sua preparação, em articulação com memórias sensoriais e formas heurísticas e analíticas de pensamento.

Os chefs conseguiam antecipar sabores, aromas, temperaturas e texturas por meio de simulações corporificadas formadas durante anos de experiência. Fechar os olhos, inalar, movimentar a boca e alterar a expressão facial acompanhavam a evocação dessas sensações. As simulações permitiam combinar experiências anteriores sem que o profissional provasse cada composição durante a concepção do prato, enquanto o contato posterior com ingredientes e preparações submetia a possibilidade imaginada às propriedades dos materiais. Leschziner e Brett (2019) concluem que a criatividade se encontra “enraizada na experiência corporal e sensorial” em extensão maior do que as explicações centradas na atividade mental costumam reconhecer (p. 340, tradução nossa).

Embora Leschziner e Brett (2019) não tenham a intuição como objeto exclusivo, os processos observados ajudam a compreender como um julgamento pode formar-se antes de sua explicação verbal completa. A experiência acumulada oferece ao profissional um repertório sensorial que pode ser reativado diante de uma combinação ainda inexistente, enquanto a percepção de adequação orienta quais possibilidades serão experimentadas ou modificadas. A partir desses resultados, este ensaio interpreta a intuição como orientação inicial formada na relação entre memória sensorial, afeto, conhecimento do domínio e situação presente, permanecendo sujeita ao teste realizado com os materiais.

A relação com o ambiente recebe uma posição constitutiva na formulação de Yakhlef e Rietveld (2020), para quem a ação inovadora “emerge das respostas habilidosas de um agente às possibilidades não convencionais de ação oferecidas pelo ambiente” (p. 99, tradução nossa). Os autores adotam o sistema formado pelo agente e pelo ambiente como unidade de análise, porque aquilo que uma pessoa percebe depende de suas capacidades corporais, de sua experiência e das práticas sociomateriais nas quais atua. Um objeto pode oferecer possibilidades distintas a sujeitos com habilidades e preocupações diferentes, de modo que a inovação ocorre quando alguém reconhece e realiza uma possibilidade que se afasta das respostas habituais disponíveis naquela prática.

Essa formulação modifica a posição atribuída aos objetos e materiais. Um protótipo, uma ferramenta ou um desenho participa do processo porque sua manipulação produz alterações perceptíveis que orientam as ações seguintes, enquanto suas propriedades oferecem resistência a algumas possibilidades e sustentam outras. Malinin (2019), ao examinar estudos realizados em práticas de design, argumenta que desenhos, modelos, ferramentas e materiais podem modificar o conjunto de possibilidades percebidas durante a criação, pois cada intervenção reorganiza a situação com a qual o profissional volta a interagir. A ideia adquire forma ao longo dessa reciprocidade, em lugar de permanecer inteiramente definida antes do contato com o material.

No campo do empreendedorismo, Chiles et al. (2021) também questionam explicações concentradas nos processos mentais conscientes e nas ações desencarnadas. A proposta conceitual dos autores reconhece bases corporais e sensoriais da imaginação empreendedora, incluindo o uso das mãos para desenhar e transformar materiais, a percepção das condições do ambiente e as respostas afetivas relacionadas às possibilidades imaginadas. Como o artigo desenvolve uma perspectiva teórica e espiritual, suas formulações não oferecem comprovação empírica de efeitos sobre a criação de empreendimentos, embora ampliem as perguntas sobre como sujeitos corporalmente situados imaginam produtos, organizações e relações futuras.

A articulação desses estudos permite identificar três mecanismos pelos quais o corpo inteiro pode participar da inovação. A reativação sensorial mobiliza experiências anteriores por meio de imagens, sabores, sons, texturas, movimentos e afetos, conforme observado entre os chefs. A exploração sensório-motora modifica o problema enquanto o sujeito gesticula, caminha, desenha, manipula materiais ou testa uma possibilidade, como indicam os experimentos de Leung et al. (2012) e os estudos analisados por Malinin (2019). A resposta habilidosa às possibilidades de ação relaciona capacidades incorporadas e condições sociomateriais, permitindo que diferenças relevantes sejam percebidas e experimentadas durante a prática, conforme propõem Yakhlef e Rietveld (2020). Essa organização constitui uma síntese produzida pelo ensaio, não uma classificação formulada originalmente pelos autores.

A participação corporal varia conforme os objetos, as tarefas e as formas de interação envolvidas, pois o paladar e o olfato ocupam posições diferentes na criação culinária, enquanto visão, tato, movimento e orientação espacial adquirem outras funções na arquitetura, no design ou na reorganização de serviços. O reconhecimento dessa variação impede que o corpo inteiro seja convertido em uma explicação genérica e exige que cada estudo identifique quais capacidades participam do processo, por qual mecanismo e em quais condições. A intuição corporificada também permanece sujeita a erro, uma vez que experiências anteriores podem produzir associações inadequadas e os sinais percebidos precisam ser examinados em relação à situação, aos materiais e às respostas de outras pessoas.

A reconsideração do corpo nos estudos sobre inovação desloca a investigação de uma sequência composta por concepção mental e execução corporal para acontecimentos nos quais percepção, conhecimento e ação se modificam reciprocamente. Esse deslocamento não elimina a reflexão, a linguagem ou a análise, pois as integra ao mesmo processo em que os sujeitos sentem, movimentam-se, interagem com objetos e elaboram possibilidades. O corpo inteiro passa a ser compreendido como participante da produção do conhecimento, preservando a necessidade de verificar empiricamente quando sua participação favorece, limita ou redireciona a intuição e a ação inovadora.

2.3 Consequências analíticas de uma compreensão não dualista da intuição e da inovação

Uma compreensão não dualista modifica o próprio fenômeno investigado nos estudos sobre intuição e inovação, pois a produção do conhecimento deixa de ser localizada

exclusivamente em operações internas anteriores à ação. O julgamento intuitivo passa a ser examinado como ocorrência situada, formada na relação entre capacidades corporais, experiência acumulada, condições materiais e solicitações percebidas no ambiente. Essa formulação não atribui ao corpo uma função que antes pertenceria à mente, uma vez que questiona a distribuição prévia de percepção, pensamento e execução entre instâncias separadas.

A unidade de análise adequada a essa compreensão corresponde ao acontecimento no qual uma possibilidade começa a adquirir forma. Yakhlef e Rietveld (2020) tratam o sistema formado pelo agente e pelo ambiente como unidade, porque as possibilidades de ação dependem simultaneamente das propriedades da situação e das habilidades adquiridas pelo sujeito. Meziani e Cabantous (2020) acrescentam as relações entre cognição, linguagem, corpo e materialidade ao mostrarem como integrantes de equipes desenvolvem uma percepção inicialmente tácita durante a interação. O indivíduo permanece participante do processo, porém suas capacidades passam a ser examinadas nas relações que tornam determinadas diferenças perceptíveis e algumas respostas realizáveis.

Essa mudança também reorganiza a temporalidade atribuída à inovação. A separação entre geração e implementação pressupõe que a ideia esteja suficientemente constituída antes de sua realização, ao passo que os estudos sobre ação corporificada mostram possibilidades que se alteram durante o fazer. Yakhlef e Rietveld (2020) compreendem a ação inovadora como resposta habilidosa às possibilidades oferecidas pelo ambiente, enquanto Malinin (2019) reúne pesquisas nas quais desenhos, ferramentas e materiais modificam continuamente aquilo que o profissional percebe e pode realizar. Concepção e execução designam dimensões analíticas de uma atividade cuja ocorrência concreta envolve antecipações, movimentos, resistências, correções e novas percepções.

A intuição adquire outro estatuto dentro dessa temporalidade, pois deixa de corresponder somente a um julgamento interno que antecede sua expressão. As definições de Sinclair e Ashkanasy (2005) e Dane e Pratt (2007) permitem reconhecer o processamento não consciente, a rapidez e a carga afetiva, enquanto a perspectiva corporificada acrescenta que a orientação intuitiva pode formar-se durante a relação perceptiva e motora com a situação. Meziani e Cabantous (2020) observam que os participantes “transformam, por meio da ação, um sentido inicial” em uma forma mais ordenada e publicamente acessível (p. 1, tradução nossa), indicando que a ação participa da elaboração da intuição em vez de apenas comunicar uma conclusão pronta.

Essa formulação preserva a diferença entre o aparecimento de uma orientação e sua incorporação à decisão. Uma sensação de inadequação, uma alteração na atenção ou uma prontidão para agir pode indicar que o sujeito percebeu alguma diferença antes de explicá-la, embora o sentido dessa manifestação permaneça indeterminado até ser relacionado à experiência, à tarefa e às consequências possíveis. A intuição corporificada constitui uma orientação pré-reflexiva sujeita à interpretação, ao teste e à revisão, pois experiências anteriores podem permitir o reconhecimento de relações pertinentes ou reativar hábitos e expectativas que oferecem respostas inadequadas à situação presente.

A reconsideração do corpo também impede que intuição e análise sejam distribuídas entre duas instâncias, como se o corpo produzisse sentimentos e a mente corrigisse racionalmente suas manifestações. Leschziner e Brett (2019) observaram que os chefs alternavam processamentos heurísticos e analíticos enquanto mobilizavam memórias sensoriais, conhecimentos conceituais e experimentações com ingredientes. Em outro recorte, Calabretta et al. (2017) identificaram tensões entre as formas intuitivas e racionais de alcançar, explicar e justificar decisões nos projetos de inovação examinados. A aproximação desses resultados permite ao ensaio propor que a análise pode ocorrer durante a atividade

corporificada, pois comparar, nomear e avaliar integram a situação em que o sujeito percebe e experimenta.

A dimensão coletiva também participa da formação do conhecimento quando uma percepção individual precisa adquirir uma forma acessível aos demais. Meziani e Cabantous (2020) verificaram que expressar sentimentos, trabalhar manualmente e falar assertivamente modificava as propriedades da intuição inicial, enquanto perguntas e discordâncias levavam o participante a especificar e testar seu julgamento. A equipe participava dessa elaboração ao responder, aceitar ou contestar a possibilidade apresentada. A partir desse modelo, o ensaio propõe investigar como relações de autoridade, práticas comunicativas e recursos materiais ampliam ou restringem a circulação da intuição em equipes de inovação.

Os objetos ocupam uma posição semelhante nesse processo de exame, porque suas propriedades podem confirmar parte de uma antecipação, apresentar resistências ou abrir possibilidades que não estavam previstas. Um material que se comporta de maneira diferente da esperada, um protótipo que altera a percepção de uso ou um desenho que torna visível uma relação ainda pouco delimitada participa da elaboração do problema. Essa posição não atribui intenção aos objetos, pois reconhece que sua materialidade modifica as condições com as quais os sujeitos interagem e oferece respostas concretas às ações realizadas (Malinin, 2019; Yakhlef & Rietveld, 2020).

As consequências metodológicas decorrem dessa redefinição do fenômeno. Entrevistas retrospectivas continuam úteis para compreender os sentidos atribuídos pelos participantes, embora ofereçam acesso limitado aos movimentos, hesitações, alterações expressivas e interações materiais que ocorreram durante a formação do julgamento. Observações presenciais, registros audiovisuais e entrevistas realizadas logo após episódios delimitados podem acompanhar como a atenção se modifica, quais capacidades sensoriais são mobilizadas e como uma percepção adquire expressão. Estudos com materiais, protótipos ou tarefas profissionais também podem examinar as ações produzidas diante das resistências encontradas, mantendo separados os dados observados e a interpretação atribuída pelo pesquisador.

A escolha dos métodos precisa acompanhar as particularidades de cada prática, porque os sentidos e movimentos mobilizados na culinária diferem daqueles presentes na arquitetura, no desenvolvimento de um serviço ou na reorganização de uma atividade de trabalho. Os resultados de Leung et al. (2012) e Frith et al. (2020) justificam perguntas sobre relações entre movimento e desempenho criativo, porém a heterogeneidade das intervenções e das medidas restringe sua transferência direta para situações organizacionais. Estudos situados podem identificar quais capacidades corporais participam de cada atividade e como se relacionam à experiência, à tarefa e ao ambiente, evitando utilizar o corpo como categoria explicativa sem mecanismo observável.

No plano organizacional, espaços, ritmos de trabalho, instrumentos, regras de participação e critérios de avaliação passam a constituir condições relacionadas à expressão e ao exame da intuição. A literatura consultada não permite afirmar previamente quais arranjos favorecem decisões ou resultados de inovação, pois seus efeitos dependem da atividade, dos profissionais e das relações estabelecidas. A perspectiva não dualista orienta a investigação dessas condições ao perguntar como elas ampliam ou restringem a percepção, a experimentação e a comunicação de possibilidades, preservando o caráter empírico das relações propostas.

A crítica formulada por Goldinger et al. (2016) permanece pertinente, porque a referência ao corpo não substitui uma explicação dos processos envolvidos. A abordagem desenvolvida neste ensaio exige a identificação das capacidades corporais mobilizadas, das condições em que operam e das mudanças observáveis produzidas durante a ação. Também preserva conceitos relativos à memória, à linguagem e à reflexão, compreendendo-os em relação com percepção, movimento e ambiente. O rompimento com a separação entre corpo e mente corresponde, portanto, a uma reorganização analítica que trata a intuição e a inovação

como processos formados na interdependência entre experiência corporal, elaboração reflexiva, interação social e condições materiais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio examinou os limites que a separação entre corpo e mente impõe à compreensão da intuição nos processos de inovação. Sinclair e Ashkanasy (2005) e Dane e Pratt (2007) permitiram delimitar a intuição como processamento não sequencial ou julgamento formado por associações rápidas, não conscientes e afetivamente carregadas. Lidas a partir do problema do ensaio, essas formulações não atribuem ao corpo uma participação constitutiva na formação do julgamento. Meziani e Cabantous (2020) oferecem o movimento mais direto para ultrapassar esse limite ao situarem a intuição no nexo entre mente e corpo e mostrarem que sentimentos, trabalho manual, linguagem e relações materiais participam da elaboração de uma percepção inicialmente tácita.

A articulação entre Merleau-Ponty (1945/2018), Pallasmaa (2017), Leschziner e Brett (2019), Malinin (2019) e Yakhlef e Rietveld (2020) permitiu compreender o corpo inteiro como unidade perceptiva e motora formada por capacidades sensoriais, movimentos, afetos, memória e experiência. Os experimentos de Leung et al. (2012) e os estudos reunidos por Frith et al. (2020) mostram que determinados movimentos podem modificar o desempenho em tarefas criativas, mas não demonstram, por si mesmos, que a criatividade seja constituída na relação entre corpo e ambiente. Os estudos de práticas profissionais e de ação inovadora oferecem outra base ao mostrarem como possibilidades adquirem forma enquanto sujeitos percebem, manipulam materiais e ajustam suas ações.

A contribuição do ensaio reside na distinção entre o corpo como lugar de manifestação, fonte de sinais e participante da formação do conhecimento, bem como na compreensão da intuição como orientação pré-reflexiva elaborada durante a relação entre experiência, percepção e ação. Essa formulação permanece sujeita a exame empírico, pois as fontes articuladas apresentam desenhos, contextos e unidades de análise diferentes. Como advertem Goldinger et al. (2016), a inclusão do corpo não dispensa a identificação dos mecanismos envolvidos. Pesquisas futuras podem examinar quais capacidades corporais participam de práticas específicas de inovação, como a intuição adquire expressão coletiva e em quais condições sua elaboração social, material e analítica contribui para manter, modificar ou abandonar o julgamento inicial.

Referências

Akgün, A. E., & Keskin, H. (2021). Team intuition and creativity in new product development projects: A multi-faceted perspective. *Journal of Engineering and Technology Management, 62*, Article 101660. https://doi.org/10.1016/j.jengtecman.2021.101660

Akinci, C., & Sadler-Smith, E. (2012). Intuition in management research: A historical review. *International Journal of Management Reviews, 14*(1), 104–122. https://doi.org/10.1111/j.1468-2370.2011.00313.x

Berent, I. (2023). The illusion of the mind–body divide is attenuated in males. *Scientific Reports, 13*, Article 6653. https://doi.org/10.1038/s41598-023-33079-1

Calabretta, G., Gemser, G., & Wijnberg, N. M. (2017). The interplay between intuition and rationality in strategic decision making: A paradox perspective. *Organization Studies, 38*(3–4), 365–401. https://doi.org/10.1177/0170840616655483

Chiles, T. H., Crawford, B., & Elias, S. R. S. T. A. (2021). Mind, body, and soul: A spiritual perspective on the entrepreneurial imagination. *Organization Theory, 2*, 1–20. https://doi.org/10.1177/26317877211005786

Dane, E., & Pratt, M. G. (2007). Exploring intuition and its role in managerial decision making. *Academy of Management Review, 32*(1), 33–54. https://doi.org/10.5465/AMR.2007.23463682

Forstmann, M., & Burgmer, P. (2015). Adults are intuitive mind-body dualists. *Journal of Experimental Psychology: General, 144*(1), 222–235. https://doi.org/10.1037/xge0000045

Frith, E., Miller, S. E., & Loprinzi, P. D. (2020). A review of experimental research on embodied creativity: Revisiting the mind–body connection. *The Journal of Creative Behavior, 54*(4), 767–798. https://doi.org/10.1002/jocb.406

Goldinger, S. D., Papesh, M. H., Barnhart, A. S., Hansen, W. A., & Hout, M. C. (2016). The poverty of embodied cognition. *Psychonomic Bulletin & Review, 23*(4), 959–978. https://doi.org/10.3758/s13423-015-0860-1

Harteis, C., & Billett, S. (2013). Intuitive expertise: Theories and empirical evidence. *Educational Research Review, 9*, 145–157. https://doi.org/10.1016/j.edurev.2013.02.001

Leonard, D., & Sensiper, S. (1998). The role of tacit knowledge in group innovation. *California Management Review, 40*(3), 112–132. https://doi.org/10.2307/41165946

Leschziner, V., & Brett, G. (2019). Beyond two minds: Cognitive, embodied, and evaluative processes in creativity. *Social Psychology Quarterly, 82*(4), 340–366. https://doi.org/10.1177/0190272519851791

Leung, A. K.-Y., Kim, S., Polman, E., Ong, L. S., Qiu, L., Goncalo, J. A., & Sanchez-Burks, J. (2012). Embodied metaphors and creative "acts". *Psychological Science, 23*(5), 502–509. https://doi.org/10.1177/0956797611429801

Malinin, L. H. (2019). How radical is embodied creativity? Implications of 4E approaches for creativity research and teaching. *Frontiers in Psychology, 10*, Article 2372. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02372

Merleau-Ponty, M. (2018). *Fenomenologia da percepção* (C. A. R. de Moura, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1945)

Meziani, N., & Cabantous, L. (2020). Acting intuition into sense: How film crews make sense with embodied ways of knowing. *Journal of Management Studies, 57*(7), 1384–1419. https://doi.org/10.1111/joms.12619

Pallasmaa, J. (2017). Embodied and existential wisdom in architecture: The thinking hand. *Body & Society, 23*(1), 96–111. https://doi.org/10.1177/1357034X16681443

Shapiro, L., & Spaulding, S. (2024). Embodied cognition. In E. N. Zalta & U. Nodelman (Eds.), *The Stanford encyclopedia of philosophy* (Spring 2024 ed.). Metaphysics Research Lab, Stanford University. https://plato.stanford.edu/archives/spr2024/entries/embodied-cognition/

Sinclair, M., & Ashkanasy, N. M. (2005). Intuition: Myth or a decision-making tool? *Management Learning, 36*(3), 353–370. https://doi.org/10.1177/1350507605055351

Sukhov, A., Sihvonen, A., Netz, J., Magnusson, P., & Olsson, L. E. (2021). How experts screen ideas: The complex interplay of intuition, analysis and sensemaking. *Journal of Product Innovation Management, 38*(2), 248–270. https://doi.org/10.1111/jpim.12559

Weissenberger, L. K., Budd, J. M., & Herold, K. R. (2018). Epistemology beyond the brain. *Journal of the Association for Information Science and Technology, 69*(5), 710–719. https://doi.org/10.1002/asi.23994

Yakhlef, A., & Rietveld, E. (2020). Innovative action as skilled affordance-responsiveness: An embodied-mind approach. *Creativity and Innovation Management, 29*(1), 99–111. https://doi.org/10.1111/caim.12345

Declaração do uso de IA

Este trabalho utilizou ferramenta de Inteligência Artificial Generativa para apoio em revisão linguística, organização textual e aprimoramento editorial. Todo o conteúdo foi revisado criticamente pelos autores, que assumem integral responsabilidade pelo manuscrito submetido.